

Educação Musical na Periferia de Fortaleza: uma Pesquisa de Métodos Mistos

*Gabriel Nunes Lopes Ferreira
Universidade Federal do Ceará
lids.gabriel@gmail.com*

*Marco Antonio Toledo Nascimento
Universidade Federal do Ceará
marcotoledosax@hotmail.com*

*Pedro Rogério
Universidade Federal do Ceará
pedromusica@yahoo.com.br*

Resumo: O ensino de Música em espaços não formais a cada dia vem se destacando e ganhando mais espaço no mundo acadêmico. São instituições com uma diversidade de possibilidades musicais e que geralmente tem como função, de maneira geral, democratização do ensino das artes. Busca-se com essa pesquisa compreender qual o papel dos cursos de música, desenvolvidos durante o período de 2010 a 2013, em espaços denominados não formais na periferia de Fortaleza. Como metodologia foi escolhida a pesquisa de métodos mistos que utiliza a abordagem qualitativa e quantitativa de maneira complementar. A pesquisa é uma continuidade de um estudo desenvolvido durante o mestrado (etapa qualitativa da pesquisa) e através de um questionário procura testar os resultados encontrados durante essa primeira etapa que apresenta esses espaços como instituições de mudanças do cotidiano de seus frequentadores.

Palavras-chave: Educação Musical. Educação não-formal. Cotidiano.

INTRODUÇÃO

No decorrer dos tempos a prática musical tem se desenvolvido e sendo exercida de muitas maneiras diferentes. Como Fonterrada (2008) nos ensina, a música agrega valores dependendo do seu contexto e época. Mesmo assim, a prática musical e a educação musical em Fortaleza ainda permanecem distantes de uma parcela da população, que pela baixa condição financeira ou poucas oportunidades no quesito acesso, acabam não tendo contato com essa arte.

Através de vivências desde 2010 com práticas musicais dentro da periferia de Fortaleza em espaços de ensino de música não formais (TRILLA, 2008), surgiram diversos questionamentos acerca da valorização da música por meus estudantes e qual a importância das práticas desenvolvidas nas aulas para suas respectivas vidas, suas rotinas e práticas cotidianas.

São diversos os estudos que trabalham com práticas musicais em espaços de educação não formal. Destacamos aqui Moreira e Kleber (2010), Kleber, Cacione e Erthal (2010), Maciel (2010), Oliveira (2010), Oba e Louro (2010), Eckert e Louro (2010), Weiland (2010), Weiland e Fermio (2012), Penna, Barros e Mello (2012), Kleber (2006; 2010; 2014).

Assim, através de um estudo de caso desenvolvido no bairro Bom Jardim em um projeto chamado Jardim de Gente, que possui uma grande variedade de cursos ligados a arte, foi analisado o impacto de um desses cursos na formação, não apenas musical de seus estudantes, mas também, outros aspectos que os próprios alunos ressaltaram.

A partir desse estudo foi possível compreender melhor a importância de projetos como esse do Bom Jardim para uma população com pouco capital econômico e cultural (BOURDIEU, 2003) não apenas através de formação musical de maneira complementar, mas oportunizando o estudante a práticas além do seu cotidiano e que na pesquisa denominamos, através das leituras de Certeau (2013), de reinvenção do cotidiano.

Através da oportunidade e contato com o conhecimento musical, os estudantes do Projeto conseguiram expandir suas possibilidades e quebrar algumas barreiras estigmatizadas por um sistema simbólico (BOURDIEU, 2013). Muitos que inicialmente não possuíam perspectivas musicais perceberam na prática musical uma tática (CERTEAU, 2013) dentro da cotidianidade de cada um.

Seguindo nesse contexto, pretendo guiar a pesquisa a partir dos seguintes questionamentos:

- a) Existem outros espaços formativos semelhantes ao Projeto Jardim de Gente em Fortaleza?
- b) Qual o contexto e o público alvos desses espaços?

c) Os resultados encontrados no Bom Jardim podem ser aplicados em outras regiões periféricas da cidade?

d) Se não, qual a importância que o público de outros espaços dá a essa formação musical?

A compreensão da educação musical a partir desses aspectos amplia as possibilidades da prática musical e democratiza esse conhecimento que durante muito tempo ficou restrito aos talentosos e detentores do dom musical. Pensar no ensino de música com um olhar sociológico e educacional é indispensável para uma prática musical mais humana e democratizadora.

A pesquisa utilizará como abordagem metodológica os métodos mistos que utilizam tanto elementos qualitativos como também quantitativos de maneira complementar. A primeira etapa qualitativa já foi desenvolvida e esse estudo dá continuidade com a etapa quantitativa, através de questionários com estudantes de outros espaços não formais da periferia de Fortaleza.

OBJETIVO GERAL

A proposta da pesquisa é compreender qual o papel dos cursos de música, desenvolvidos durante o período de 2010 a 2013, em espaços denominados não formais na periferia de Fortaleza testando se esses espaços atuam e conseguem os mesmos resultados que os encontrados no Projeto Jardim de Gente.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Conhecer os principais espaços não formais de ensino de música na periferia Fortaleza;

b) Conhecer o contexto e quais os cursos desenvolvidos nessa região;

c) Caracterizar o público alvo desses espaços;

d) Caracterizar a importância que os estudantes atribuem as atividades desenvolvidas;

REFERENCIAL TEÓRICO

No decorrer da pesquisa iremos nos deparar com diversos conceitos e teorias importantes que devem ser previamente explicadas para melhor compreensão da proposta.

Educação Não Formal

Temática amplamente discutida no estudo inicial feito no Projeto Jardim de Gente, a educação não formal surge aqui como reafirmação dos conceitos de Trilla (2008) na pesquisa a fim de não atrapalhar a leitura e compreensão do estudo como um todo.

Trilla (2008) distingue a educação formal, não formal e informal através de duas categorizações distintas (Metodológica e Estrutural). A categoria metodológica gira em torno da instituição escolar com seus aspectos curriculares, seus horários fixos e seleção dos conteúdos de maneira bem definida. Já a categoria estrutural é pensada sob a perspectiva de uma legislação nacional que regula o ensino de maneira hierarquizada distinguindo os estudantes por idades e séries (Ensino Infantil, Médio e Universitário).

A educação não formal surge assim como uma alternativa ao ensino formal e isso no ensino das artes, de maneira geral, é bem presente. A educação não formal nessa perspectiva,

[...] por situar-se fora do sistema de ensino regrado, desfruta de uma série de características que facilitam certas tendências metodológicas. O fato de não ter de seguir nenhum currículo padronizado e imposto, as poucas normas legais e administrativas que recaem sobre ela (calendário escolar, titulação dos docentes etc), seu caráter não obrigatório, e por aí afora, tudo isso facilita a possibilidade de métodos e estruturas organizacionais muito mais abertas (e, geralmente, mais flexíveis, participativas e adaptáveis aos usuários concretos e às necessidades específicas) que aquelas que costumam imperar no sistema educacional formal (TRILLA, 2008, p.42).

Assim, são espaços que estão a margem de uma hierarquização estrutural onde todos são convidados a participar de suas atividades, mas que deve ser pensado em complementaridade e não contrapartida ao sistema escolar.

Segundo Libâneo (1996, p. 39 *apud* WILLE, 2003, p.34) “considerar a educação como ‘atividade mediadora no seio da prática social’ significa um acesso ao saber institucionalizado e reconhecido e àquele cotidianamente construído, estabelecendo uma articulação entre ambos”.

Para o autor [Libâneo], o relacionamento da prática vivida com o saber institucionalizado resultaria numa ruptura, no sentido de constatar a prática real, confrontando o que é visto na escola, formalmente, com o que é realizado fora dela. Esse confronto seria o resultado da uniformidade entre a teoria e a prática, entre o formal, não-formal e informal (WILLE, 2003, p.34).

A seguir será explicitado como essa educação não formal pode expandir as possibilidades musicais dentro da periferia através da discussão dos conceitos de Sistema Simbólico (BOURDIEU, 2013) e a estrutura da vida cotidiana (HELLER, 2008; CERTEAU, 2013).

Sistema Simbólico e a Invenção do cotidiano

Vemos atualmente em um sistema que não agrega todos os indivíduos da mesma maneira. Somos todos classificados de algum jeito e colocados em grupos distintos com ou sem privilégios que nos são passados como naturais, mas que envolvem outros aspectos que devem ser levados em consideração.

Na música, como nas artes, isso também acontece impossibilitando a democratização do conhecimento musical. Esse sistema que distingue os indivíduos é denominado por Bourdieu (2013) de sistema simbólico.

Toda distribuição desigual de bens ou de serviços tende assim a ser percebida como sistema simbólico, ou seja, como sistema de marcas distintivas: distribuições como a dos automóveis, os lugares de residência, os esportes, os jogos de salão são, para a percepção comum, sistemas simbólicos em cujo interior cada prática (ou não prática) recebe um valor, e a soma dessas distribuições socialmente pertinentes desenha o sistema dos estilos de vida, sistema de separações diferenciais engendradas pelo gosto e por ele apreendidas como signos de bom ou mau gosto e ao mesmo tempo como títulos de nobreza capazes de gerar um lucro de distinção tão maior quanto maior for sua raridade distintiva, ou ainda como marca de infâmia (BOURDIEU, 2013, p. 113).

Mas existe possibilidade de mudanças dentro desse sistema simbólico?

Ao pensar na problemática da pesquisa na periferia de Fortaleza, a necessidade do entendimento do cotidiano dos frequentadores dos espaços que serão pesquisados é um aspecto importante para melhor compreensão da realidade da música na região e principalmente de possíveis respostas para esses questionamentos.

A hipótese de que esses espaços de ensino não formais inventam uma nova realidade cotidiana através da arte de fazer música transformando o cotidiano do homem ordinário (CERTEAU, 2013) ou homem singular (HELLER, 2008) terá como base teórica dois referenciais importantes para essa temática. Heller (2008) com a categorização da estrutura da vida cotidiana e Certeau (2013) com o conceito de **táticas** dentro da vida cotidiana. Táticas essas que de maneira objetiva tratam-se de ações imprevisíveis por parte do homem ordinário dentro do sistema simbólico já explicitado anteriormente.

Heller (2008) aponta diversas características da vida cotidiana expressando a maneira dos indivíduos se articularem na sociedade. São elas: heterogeneidade, repetição, hierarquia, economicismo, probabilística, espontaneísmo, precedente, entonação, imitação, pragmatismo, analogia, juízos provisórios como preconceito e ultrageneralização. Importante destacar que Heller dá margem para o crescimento e porque não renovação dessa vida cotidiana.

Certeau (2013), através de uma pesquisa em grupos sociais da França, procurou refutar as “teses comuns sobre a passividade dos consumidores e a massificação dos comportamentos” (CERTEAU, 2013, p. 26) analisando as táticas desenvolvidas pelo homem ordinário.

Nessa perspectiva, assim como Certeau (2013), buscamos adentrar no cotidiano dos consumidores compreendendo suas táticas dentro do campo musical e que espaços contribuíram para o que ele denomina de antidisiplina. Trata-se assim, de entender as “pequenas vitórias perante os produtores no cotidiano da cultura ordinária, espaço esse onde as práticas dos consumidores ou ‘não produtores’ acontece” (FERREIRA, 2015, p. 40).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa parte do projeto será abordado a escolha da metodologia e o entendimento acerca das características do método escolhido. Depois de várias leituras sobre metodologias de

pesquisa para a coleta e análise de dados em uma pesquisa social foi escolhida a pesquisa de **Métodos Mistos** para o estudo em questão.

Mas o que vem a ser a pesquisa de Métodos Mistos?

Utilizaremos para responder essa pergunta o conceito proposto por Creswell (2010) quando afirma que:

A pesquisa de métodos mistos é uma abordagem da investigação que combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Envolve suposições filosóficas, o uso de abordagens em um estudo. Por isso, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados; envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada (CRESWELL, 2010, p.27).

Além disso, buscando uma melhor compreensão do leitor acerca dessa metodologia, serão apontadas aqui algumas de suas características:

- a) A coleta e análise dos dados acontecem de maneira bastante rigorosa em ambos os métodos (Quantitativos e qualitativos) sendo guiados pelo problema da pesquisa;
- b) **Combina** tanto abordagens qualitativas e como quantitativas, de maneira sequencial e/ou com a análise dos dados de forma concomitante fazendo assim que um método ajude na construção do outro;
- c) Os procedimentos são utilizados em um único projeto de estudo ou divididos em fases para um único programa de pesquisa;
- d) Tais procedimentos estruturam-se a partir de lentes filosóficas e teóricas que tem como focos direcionais projetos de pesquisa específicos.

Coleta de dados

Será utilizado o projeto dos métodos mistos chamado **exploratório sequencial** que se inicia por uma etapa qualitativa e é seguida por uma etapa quantitativa (QUAL + QUAN). Importante ressaltar que a etapa qualitativa já foi realizada durante o mestrado sendo a presente pesquisa a segunda etapa do trabalho. Nessa perspectiva, os resultados quantitativos são

utilizados para confirmação dos resultados qualitativos e uma possível generalização dos achados.

Por exemplo, o pesquisador coleta histórias qualitativas sobre tentativas dos adolescentes de parar de fumar e analisa as histórias para identificar as condições, os contextos, as estratégias e as consequências das tentativas dos adolescentes de deixar de fumar. Considerando as categorias resultantes como variáveis, o pesquisador desenvolve um instrumento quantitativo e o utiliza para avaliar a prevalência geral dessas variáveis para um número maior de fumantes adolescentes (CRESWELL; CLARK, 2013, p.75).

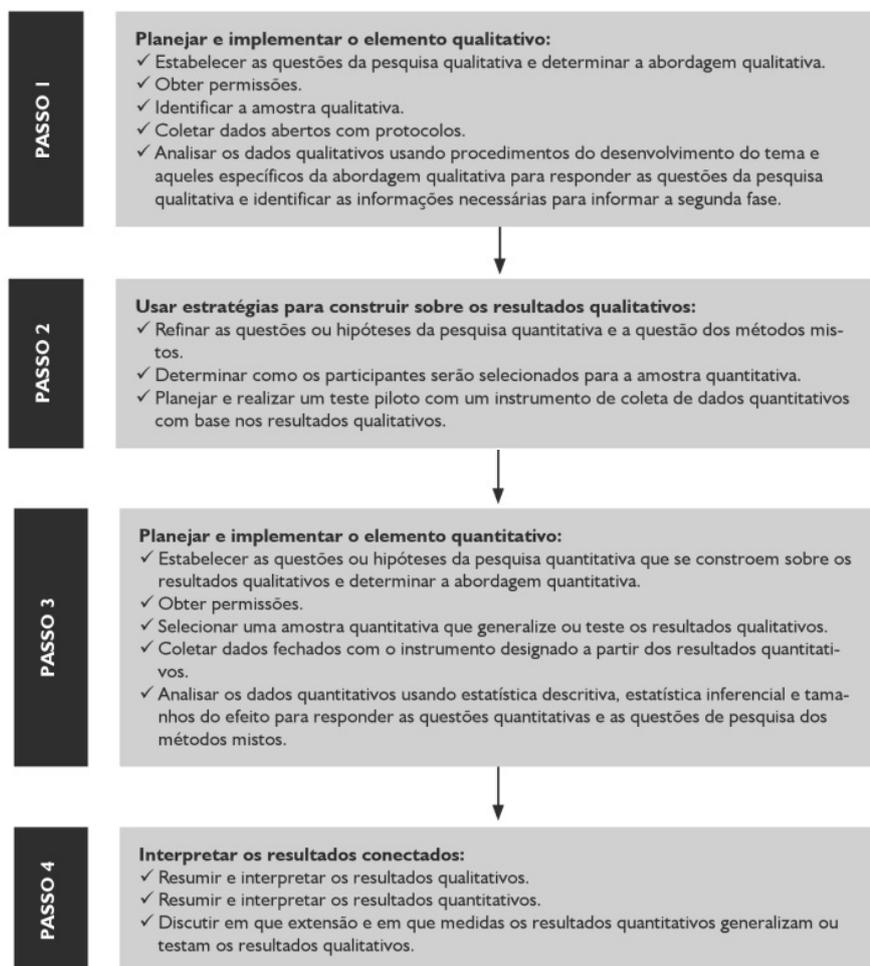
Como característica do projeto **exploratório**, a primeira fase (qualitativa) nos fornece então subsídios para a construção de uma ferramenta para a segunda fase, “identificando variáveis ou estabelecendo proposições para a testagem baseadas em uma teoria ou estrutura emergente” (CRESWELL; CLARK, 2013, p.88).

É importante ressaltar que a etapa qualitativa foi desenvolvida através de um estudo de caso no Projeto Jardim de Gente (espaço de formação artística na periferia de Fortaleza), durante o mestrado. Assim, a etapa quantitativa, através de um projeto de levantamento, terá início a partir dos resultados do estudo de caso realizado e utilizará como ferramenta de coleta de dados um questionário *online*.

Antes da construção e aplicação dos questionários, será feito um mapeamento dos espaços de ensino de música não formais existentes na periferia de Fortaleza além do contexto de suas práticas. A partir desse mapeamento será feita a escolha dos espaços e dos estudantes para aplicação do questionário.

A seguir, as etapas que serão desenvolvidas na pesquisa:

FIGURA 1 – Fluxograma dos procedimentos básicos na implementação de um projeto exploratório.



Fonte: Creswell e Clark (2013, p. 89).

Após a análise dos dados quantitativos que acontecerá através dos métodos citados na figura 1, chega-se na etapa das **inferências na pesquisa dos métodos mistos** (CRESWELL; CLARK, 2013) que objetiva concluir o trabalho a partir dos elementos qualitativos e quantitativos dialogando com os questionamentos e as hipóteses iniciais da pesquisa.

Considerações finais

A partir do estudo, o ensino de música na periferia ganha mais reflexões e destaque no meio acadêmico e social, podendo ser pensado para além de uma prática musical assistencialista.

Agrega assim, uma nova **arte de fazer** ao cotidiano das comunidades pesquisadas. Dessa forma, poderemos pensar no saber musical mais democrático e mais presente no cotidiano das pessoas.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *Capital cultural, escuela y espacio social*. Madrid: Siglo XXI, 2003.

BOURDIEU, Pierre. *Capital simbólico e classes sociais*. Novos estud. – CEBRAP, São Paulo, n. 96, jul. 2013. Disponível em: < <http://goo.gl/BOIXcb> >. Acesso em: 10 de Maio de 2016.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*. Petrópolis, Vozes, 2013.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki P. *Pesquisa de Métodos Mistos*. Porto Alegre: Artmed, 2013.

ECKERT, André Luis. LOURO, Ana Lúcia. Refletindo sobre a prática como professor de violão em um projeto social. In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, 2010, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ABEM 2010. p. 2408-2413.

FERREIRA, Gabriel Nunes Lopes. *A influência do Projeto Jardim de Gente na reinvenção do cotidiano dos jovens do Bom Jardim: um estudo de caso no curso de Prática de Conjunto*. Fortaleza, CE. 2015. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/PfEOtj>>. Acesso em: 15 jul. 2016.

FONTEERRADA, M.T.O. *De Tramas e Fios*. Um ensaio sobre música e educação. 2 ed. – São Paulo: Editora UNESP: Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

HELLER, A. *O cotidiano e a história*. 8. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

KLEBER, Magali Oliveira; CACIONE, Cleusa Erilene Santos; ERTHAL, Júlio César Silva. Educação Musical e Movimentos Sociais. In: XIX Encontro Anual da ABEM, 2010, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ABEM, 2010. 1 CD-ROM, p. 745.

KLEBER, Magali Oliveira. A rede de sociabilidade em projetos sociais e processo pedagógico musical. In: XIX Encontro Anual da ABEM, 2010, Goiânia. *Anais...* Goiânia: ABEM, 2010. 1 CD-ROM, p. 363.

KLEBER, Magali Oliveira. Educação musical: novas ou outras abordagens – novos ou outros protagonistas. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, nº 14, p. 91-98, março 2006.

KLEBER, Magali. *A prática de educação musical em ONGS: Dois estudos de caso no contexto urbano brasileiro*. Curitiba. Editora Appris, 2014.

MACIEL, Edineiram Marinho. *Música em projetos sociais: caminho para inclusão?* In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia, 2010, p. 1298-1306.

MOREIRA, Célia; KLEBER, Magali Oliveira. *Educação musical e empreendedorismo social: ampliando o processo pedagógico musical.* In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia, 2010. p. 724-735.

OBA, Cheila Marie Felippin; LOURO, Ana Lúcia. *Práticas educativas no contexto do projeto social: dilemas, reflexões e contribuições para a formação de uma licencianda em música* In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia, 2010, p. 1855-1863.

OLIVEIRA, Thiago Fonseca de. *Oficina de música no Programa de Controle de Homicídios Fica Vivo: o ensino de música a serviço da defesa social.* In: XIX Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical, Goiânia, 2010, p. 1298-1306.

PENNA, Maura; BARROS, Olga Renalli Nascimento; MELLO, Marcel Ramalho. *Educação musical com função social: qualquer prática vale?* *Revista da ABEM*. Porto Alegre, v.27, p.65-78, jan-jun. 2012. Disponível em < <http://goo.gl/tR3saU>>. Acesso em 10 de Junho de 2016.

TRILLA, Jaume. *A educação não-formal.* In: GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria Amorim (Orgs.). *Educação formal e não forma: pontos e contrapontos.* São Paulo: Summus, 2008. p. 15-58.

WEILAND, Renate Lizana. *Relações entre projetos comunitários e música na perspectiva de profissionais da área musical em Curitiba.* Algumas contribuições da psicologia social comunitária e da educação. Tese - Doutorado em Educação, UFPR, Curitiba, 2010.

WEILAND, Renate Lizana; FERMINO, Lucas. *Música em Projetos Sociais: educação musical para crianças na periferia de um centro urbano - integrando diferentes instituições com vistas a uma participação conjunta.* In: IV Congresso Internacional de Educação, Pesquisa e Gestão, Paraná, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/NRGkcc>>. Acesso em: 02 de Julho de 2016.

WILLE, Regiana Blank. *As Vivências Musicais Formais, Não-Formais e Informais dos Adolescentes: Três Estudos de Caso.* Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.